

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ – UNITAU**

**Luanna Martinez**

**CULTURA CAIÇARA PRESENTE NA HISTÓRIA DO  
LITORAL PAULISTA: uma riqueza a ser preservada**

**TAUBATÉ**

**2021**

**Luanna Martinez**

**CULTURA CAIÇARA PRESENTE NA HISTÓRIA DO  
LITORAL PAULISTA: uma riqueza a ser preservada**

Trabalho de Graduação apresentado para obtenção do  
Certificado de Licenciatura em História do  
Departamento de Ciências Sociais, Letras e  
Pedagogia da Universidade de Taubaté.

**Orientador:** Prof. Me. Armino Boll.

**TAUBATÉ**

**2021**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi  
Universidade de Taubaté - UNITAU**

M358c Martinez, Luanna

Cultura Caiçara presente na história do Litoral Paulista : uma  
riqueza a ser preservada / Luanna Martinez. -- 2021.  
41 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2021.  
Orientação: Prof. Me. Armindo Boll, Departamento de  
Ciências Sociais e Letras.

1. História – Litoral Paulista. 2. Diversidade cultural.  
3. Hibridismo. 3. Cultura Caiçara. I. Universidade de Taubaté.  
Departamento de Ciências Sociais e Letras. Curso de História.  
II. Título.

CDD – 981

**Luanna Martinez**

**CULTURA CAIÇARA PRESENTE NA HISTÓRIA DO LITORAL PAULISTA: uma  
riqueza a ser preservada**

Trabalho de Graduação apresentado para obtenção do  
Certificado de Licenciatura em História do  
Departamento de Ciências Sociais, Letras e  
Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: História

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Edson Trajano Vieira

Universidade de Taubaté.

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Me. Armino Boll

Universidade de Taubaté.

Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Isnard de Albuquerque Câmara Neto

Universidade de Taubaté.

Assinatura \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Me. Armino Boll minha imensa gratidão por sua sabedoria, compreensão e confiança em me orientar na maior parte deste trabalho até meados de fevereiro deste ano; entretanto, ao chegar a merecida aposentadoria, passando a responsabilidade da orientação para o Prof. Dr. Edson Trajano Vieira, o qual também sou imensamente grata pela confiança e ensinamentos. Gratidão ao Prof. Dr. Isnard de Albuquerque Câmara Neto, por aceitar fazer parte desta banca, contribuindo para este momento tão importante da minha vida. Gratidão a todos os professores do curso de História desta Instituição pela excelência e todo o conhecimento. Também sou muito grata a paciência e ajuda que a Neide Carvalho sempre esteve disposta a desempenhar em relação aos processos burocráticos de minha graduação.

Minha gratidão e amor ao meu pai, Ramirez Martinez, caçara nascido de pais migrantes e, minha mãe Rosana Valéria, que juntos enfrentaram as dificuldades para que eu pudesse estudar e, ao meu irmão, Radamez Martinez, pelo apoio e companheirismo. Gratidão a Didi Moreira, amiga companheira e caçara com orgulho, pelo encontro de almas e por sempre me apoiar, principalmente nos momentos mais difíceis da vida. Por último, mas não menos importante, gratidão àqueles que posso chamar de amigos, Leonardo Augusto, Líbina Apolinário, Samara Salles, Raquel Helena, Isabela Aires e Reinaldo Aires, pela amizade e ânimo de sempre.

Esta pesquisa é uma prova do amor e do incentivo incondicionais que recebi de todos aqueles que merecem a minha eterna gratidão.

## RESUMO

A cultura faz parte de um povo que confere, a esse povo, diversidade e a identidade de uma nação. Do modo de vida à culinária, da musicalidade à religiosidade, do material ao imaterial, temos um povo diverso, e nos faz questionar a todo momento, “quem somos?”. Essa pesquisa busca entre ideias e conceitos de cultura o estudo da resistência do povo caiçara na luta pela sua sobrevivência, bem como em seus modos de vida, seu conhecimento da formação de uma comunidade litorânea como uma cultura peculiar, seja ela, em suas crenças religiosas, no dialeto único ou em usos e costumes de sua vida diária. Para desenvolver essa pesquisa recortou-se da grande extensão da nossa costa litorânea, os caiçaras do litoral paulista, ricos em cultura popular o que nos abre caminho para o entendimento do conceito de cultura, hibridismo, além dos desafios enfrentados pelas comunidades caiçaras diante da modernidade. Analisou-se um modo de vida caiçara, no litoral paulista e, seu forte elo com a natureza, porém, sujeitas em diferentes graus aos processos socioeconômicos e, mais recentemente, identificou-se, também, os processos socioambientais.

**Palavras-Chave:** História Regional. Diversidade Cultural. Hibridismo. Cultura Caiçara.

## ABSTRACT

Culture is part of a people that gives these people the diversity and identity of a nation. From the way of life to cooking, from musicality to religiosity, from material to immaterial, we have diverse people, and this makes us question all the time: "who are we?". This research seeks between ideas and concepts of culture the study of the resistance of the people fell into the struggle for their survival, as well as in their ways of life, their knowledge of the formation of a coastal community as a peculiar culture, be it, in their religious beliefs, in the single dialect or in the uses and customs of their daily reading. To develop this research, we cut the great length of our coast, the caíçaras of the coast of São Paulo, rich in popular culture, which paves the way for the understanding of the concept of culture, hybridism, in addition to the challenges faced by the caíçaras communities in the face of modernity. A way of life was analyzed on the coast of São Paulo and its strong connection with nature, however, subject to different degrees of socioeconomic processes and, more recently, socio-environmental processes were also identified.

**Keywords:** Regional History. Cultural Diversity. Hybridity. Caiçara Culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1º CAPÍTULO: O QUE É CULTURA?</b> .....	<b>12</b>
1.1- A Cultura como Objeto de Pesquisa Antropológica: Conceitos .....	12
1.2- Culturas Híbridas: Entre Fronteiras .....	16
<b>2º CAPÍTULO: BRASIL: UM MOSAICO ÉTNICO-CULTURA</b> .....	<b>21</b>
2.1- A Formação Inicial do Povo Brasileiro: Encontros ou Desencontros? .....	21
2.2- Um Povo que nasceu na costa brasileira: do Sul ao Sudeste .....	23
<b>3º CAPÍTULO: O QUE É SER CAIÇARA?</b> .....	<b>25</b>
3.1- Modos de Vida Caiçara: Filosofia de Vida .....	26
3.1.1- Transmissão do Saber: da Realidade ao Imaginário .....	28
3.1.2- Dialeto Caiçara .....	30
3.2- Sobrevivência, Resistências e Adaptações no tempo-espaço .....	31
3.3- Os Desafios Atuais dos Caiçaras .....	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a História Regional, como, por exemplo, a cultura caiçara se tornou objeto de pesquisa e vem cada vez mais sendo valorizado. Ela é um tema, cujo estudo nos ajuda a entender a história local e o cotidiano, como cidadão e como historiadores. Afinal, conhecer e amar a origem de nossa cultura e do local onde nascemos ou, de alguma forma, que tenhamos ligação com a nossa própria história, é fundamental para nos reconhecermos como indivíduos pertencentes a determinada cultura.

Na medida em que se tem consciência que a cultura popular tradicional nos revela a formação de uma sociedade, pode-se admitir que ela é de suma importância para nos reconhecermos como brasileiros e reconhecer que nossa história de nação tem início à beira mar, é o que nos possibilita assumir que povos litorâneos, como os caiçaras do litoral paulista, formam traços primários de nossa nacionalidade. Logicamente que para afirmar e ter este olhar, observa-se também a necessidade de entender o conceito de cultura, a partir de “vários olhares”, que capta uma realidade existente de etnocentrismo e eurocentrismo, bem como, do hibridismo e sua reorganização cultural, sensibilizando o olhar do leitor para o que é mais peculiar de cada cultura o que se perde na originalidade de cada uma delas e o que se ganha de outra cultura no momento em que os fluxos acontecem e, assim, perceber a necessidade do conhecimento da cultura caiçara.

Destaca-se, portanto, a importância da relação entre cultura e leitores, transformando-se em ferramenta de desconstrução da imagem cultural tradicional, intituladas para muitos como subdesenvolvida, como resultado de preconceitos. Assim sendo, observa-se a importância de entender que a cultura se conecta entre um grupo de pessoas, e que, nas culturas não existe o pior ou o melhor, mas, apenas um modo de ver de diferentes formas, com cada comunidade sendo identificada pela sua cultura. Percebendo a complexidade dos saberes criados pela cultura de um povo, ressalta-se a discussão das pesquisas comparativas sobre alguns conceitos de cultura.

A partir da revisão bibliográfica, destacamos algumas obras e seus autores pesquisados para a realização deste trabalho, dentre elas: “Culturas híbridas” de Canclini (2003) e “O pensamento mestiço” de Gruzinski (2001), ambos analisam muito

bem a questão das trocas entre culturas diferentes entre si que, existindo de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas; “O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil” de Darcy Ribeiro (1995), que tem uma interpretação própria das matrizes culturais e dos mecanismos de formação étnica da formação do povo brasileiro, e “Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras” e “A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização” de DIEGUES (1988; 2004) e “As populações caiçaras e o mito do bom selvagem” de ADAMS (2000), o qual ambos vivenciaram e pesquisaram a fundo a cultura caiçara e todo universo que ela compõe e os mitos que surgem através do tempo e do espaço.

O objetivo principal de realizar esta pesquisa foi analisar como os processos de hibridismo impactaram e continuam impactando o modo de vida do caiçara do litoral paulista, contribuindo também para elucidar aspectos da história caiçara, ainda pouco explorados.

Os objetivos específicos que despertaram para a realização deste trabalho foram: demonstrar o conceito de cultura como objeto de pesquisa antropológica e, que a partir da História e da Antropologia, as possibilidades de se desvendar uma realidade construída social e economicamente, mesmo que esta apareça atualmente como fragmentada ou, mesmo, à primeira vista, inexistente; apresentar algumas contribuições para a compreensão dos aspectos que abrangem a relação entre o processo de hibridismo e seu impacto sobre culturas diferentes entre si; destacar na História do Brasil alguns pontos importantes para a formação da multiplicidade da Cultura Brasileira; compreender a fusão nas interações culturais a partir da formação da Cultura Caiçara; reconhecer a importância da cultura caiçara e a necessidade de reconhecê-la como uma das primeiras culturas brasileiras que tem sua origem no momento da formação do povo brasileiro, no território do litoral paulista surgindo através das interações de diferentes culturas que se chocaram no território brasileiro, antes e a partir da colonização, tendo no litoral sua porta de entrada. Ressaltando que os povos litorâneos se denominam de acordo com cada região do território brasileiro, sendo assim, caiçara é a denominação para as comunidades da costa Sul e Sudeste do país.

Ao analisar a formação cultural brasileira, entende-se que há traços de uma multiplicidade étnico-cultural existente na formação da nação e, portanto, um universo repleto de signos, significados e interpretações. Neste contexto, este trabalho buscou

focar-se na importância da cultura caiçara, na sua origem através da miscigenação entre indígenas, colonizadores portugueses e povos vindos de outras partes do Velho Mundo e africanos escravizados, como também levantar alguns aspectos referentes à riquíssima cultura caiçara tradicional do litoral, mais especificamente, paulista, além de construir um panorama da concepção dos símbolos que compõem a cultura caiçara, apresentando as novas significações que se constroem no âmbito de uma configuração territorial e suas subjetividades.

Portanto, não se pretende discutir nenhuma das teorias a respeito do conceito de cultura, mas apresentar alguns conceitos que consideramos relevantes para complementar as pesquisas sobre a cultura caiçara.

Residindo nos municípios de Caraguatatuba e São Sebastião, dialogando, conhecendo e interagindo com caiçaras é fácil perceber a grandeza cultural destas comunidades no litoral que, em vários momentos, aparentam se sentir sós na história do país. Mostram um leque de conhecimentos ainda usados pelas comunidades caiçaras, no clima, no imaginário, na religião, na culinária, no dialeto que nos mostra o início da história desta nação, na herança cultural valiosa do índio, do colono português e europeus e africanos escravizados. Nota-se a necessidade de iniciar uma estruturação de conhecimento e reconhecimento dessa cultura popular que vem, dia a dia, sendo ameaçada pela especulação imobiliária, pelo turismo elitizado e de excursões, pela erudição valorizada pelo que vem de fora, pelas proibições de assentamento e do trabalho, da moradia e pesca e tantos outros problemas enfrentados pelos caiçaras diante da modernidade.

Desta forma, este trabalho está dividido em três momentos.

No capítulo um “O que é Cultura?”, discorre-se sobre alguns conceitos de cultura que se considera relevantes para complementar as pesquisas deste trabalho sobre a cultura caiçara. Segundo Villela (2014, p.31), a partir da ideia de que cultura é tudo o que o homem vive e produz “tanto os valores, as regras e a filosofia quanto às produções materiais, como a arquitetura, a culinária, entre outras, pode-se compreender a identidade e a diferença entre os povos.”

No capítulo dois “Brasil: Um mosaico étnico-cultural”, descreve-se em breves palavras abordando o contexto histórico do Brasil, desde o século XVI com a chegada dos primeiros colonos e seu encontro com índios tupinambás e tupiniquins, que revela o choque cultural dos povos que aqui habitavam e que resultou na formação dos primeiros habitantes genuinamente brasileiros no litoral paulista.

No Capítulo três “O que é ser caiçara?”, seguindo cronologicamente a historicidade do litoral paulista, apresentando o modo de vida caiçara, o tipo de vida que se desenvolveu no litoral paulista e, seu forte elo com a natureza, porém, sujeitas em diferentes graus aos processos socioeconômicos e, mais recentemente, também, aos processos socioambientais.

## 1º CAPÍTULO: O QUE É CULTURA?

Cultura é uma temática que vai muito além do que propõe este estudo, por isso se torna necessário entender o caminho que este capítulo irá percorrer. Conceitos como cultura têm uma significação ampla que reflete sempre o momento histórico em que se inserem.

Este capítulo busca conhecer alguns dos muitos estudiosos, que procuraram responder à pergunta ao qual intitula este capítulo “O que é cultura?”, bem como, compreender que é nas fronteiras, seja nos espaços físicos ou simbólicos, que acontecem a troca entre culturas, díspares entre si, no qual estabelece as perdas e os ganhos de cada cultura presente.

### 1.1- A Cultura como Objeto de Pesquisa Antropológica: Conceitos

O termo cultura, já bastante trabalhado em pesquisas e estudos, vem do verbo latino *colere*, inicialmente utilizado para designar atividades de cultivo. Por analogia, o termo foi usado para se referir a outros tipos de cuidados, como o cuidado com a criança, o cuidado com os deuses ou culto. Cultura era, primeiramente, o cuidado com os interesses do homem, fossem eles materiais ou simbólicos. Mas, antes de tudo, era preciso preservar a memória e a transmissão desse cuidado e, a partir daí o vínculo com a educação e com o cultivo do espírito. Assim sendo, como aponta Chauí<sup>1</sup> (1986, p.11), o homem culto teria então uma interioridade "cultivada para a verdade e a beleza, inseparáveis da natureza e do sagrado".

Partindo das primeiras definições do conceito de cultura na Antropologia, entre os séculos XIX e XX, é possível analisar as primeiras tentativas teóricas para compreender a identidade e a diferença entre os povos.

No século XIX, os conceitos de Kultur e Civilization foram desenvolvidos simultaneamente pelo sociólogo alemão Norbert Elias<sup>2</sup> (1994), com o objetivo de

---

<sup>1</sup> Marilena de Souza Chauí (1941), é uma escritora, filósofa e professora emérita de Filosofia Política e Estética da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> Norbert Elias (1897-1990), foi um sociólogo alemão. Desde sua morte tem sido considerado um dos maiores sociólogos do século XX. Sua fama é decorrente de sua teoria dos processos civilizadores, mas sua visão ambiciosa para o campo das Ciências Sociais tem permeado todo o desenvolvimento da sociedade humana desde sua origem, incluindo o crescimento do conhecimento e da ciência de longa duração.

descrever certas características do estilo de vida do povo alemão. Conforme descreveu o autor em O processo Civilizador, essas formas de viver a vida correspondem à civilização, no qual também inclui o nível de tecnologia, o desenvolvimento de conhecimento científico, conceitos religiosos e costumes.

Assim sendo, entendemos que o conceito de Kultur, derivado do adjetivo alemão kulturell, para os alemães, serve para descrever a natureza e os valores do homem, referindo-se essencialmente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos. O conceito de Civilization descreve um processo ou algo que está em constante evolução, refere-se principalmente às conquistas materiais da nação. O conceito de civilização foi tomado apenas no sentido ocidental, e na Alemanha limitava-se ao modo de vida das classes média e burguesa. Paralelamente, o conceito de cultura, no entanto, limitava-se a esse status da classe dominante, e aqueles que não se vangloriavam eram chamados de bárbaros, além de incultos.

Na antropologia, podemos encontrar muitas definições para a palavra “cultura”. Coube a Tylor<sup>3</sup> (1871), nos parágrafos iniciais de Primitive Culture, oferecer uma das primeiras propostas científicas de cultura, no singular, como algo de amplo sentido etnográfico formando um “todo complexo”, que inclui os saberes, as leis, a moral, as crenças, as artes e quaisquer outros costumes do homem. Sendo assim, a cultura seria algo socialmente adquirido e não por aquisição inata transmitida pela genética.

Todavia, o conceito de Cultura, no singular, definida por Tylor (2005), posteriormente, foi criticada tanto pela singularidade, quanto por ter forte cunho etnocêntrico e eurocêntrico, como ressalta Laraia<sup>4</sup> (2001, p.32), cuja “uma das tarefas da antropologia seria a de “estabelecer, *grosso modo*, uma escala de civilização”, colocando as nações europeias em um dos extremos e no outro as tribos consideradas “selvagens”, e o resto da humanidade entre esses dois limites. Segundo Costa (2014, p.29-45), assim sendo, alguns povos, considerados como “bárbaros” e “selvagens”, teriam suas culturas julgadas como subdesenvolvidas em comparação às que seriam mais “civilizadas”.

---

<sup>3</sup> Edward Burnett Tylor (1832 - 1917) foi um antropólogo britânico. Considerado o pai do conceito moderno de cultura, Tylor filiou-se à escola evolucionista.

<sup>4</sup> Roque de Barros Laraia (1932) é um antropólogo e professor emérito da Universidade de Brasília, membro do Conselho Nacional de Imigração e do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Ao contrário de Tylor, de quem, no entanto, ele adotou a definição de cultura, Franz Boas<sup>5</sup> (2004), pretendia estudar a cultura no plural e não no singular, trazendo o conceito de relativismo cultural que rejeitava a ideia de haver uma única cultura humana, universal e em evolução. Assim, esse autor rompeu com os argumentos evolucionistas e permitiu que se pensasse as culturas em si mesmas, sem um ponto de vista absolutista, nem julgamentos e juízos morais a respeito das diferenças culturais.

Para explicar as diferenças entre os povos, Boas desconstruiu os determinismos biológico, econômico e geográfico e, reconheceu que as culturas, no plural, são resultadas de experiências particulares em consequência da integração de diferentes elementos aleatórios ao longo de diferentes tempos e lugares. Contudo, esse autor declarou discutir um conceito em movimento constante, quanto à sua proposição de que há espaço para a “escolha” desses elementos em culturas específicas. Podemos dizer que Boas semeou a Antropologia Cultural e foi o primeiro a destacar a importância de estudar diferentes culturas em seus próprios meios, de acordo com suas próprias peculiaridades. Em seu posicionamento crítico, Boas ressaltou que não existe cultura superior ou inferior baseada em fatores externos como cor de pele, localização geográfica, costumes etc. Para ele devem ser considerados os fatores históricos, naturais e linguísticos que influenciam o desenvolvimento de cada cultura específica.

Outro antropólogo que estudou o assunto foi Alfred Louis Kroeber<sup>6</sup> (1949), em seu artigo “O Superorgânico”, escrito em 1917. Kroeber levantou a discussão com o objetivo de esclarecer a diferença que separa o orgânico e o cultural. Neste artigo Kroeber apresenta a natureza da cultura e acredita que a natureza da cultura é a atividade humana que transcende o nível orgânico. Em outras palavras, partindo do conhecimento que os seres humanos são animais, e dessa forma fazem parte de sistemas orgânicos, e que eles desenvolveram comunicações entre eles próprios a um nível complexo, muito mais sofisticado do que outros animais, complexidade essa que conecta os humanos em comunidades e sociedades, e que estas associações

---

<sup>5</sup> Franz Uri Boas Franz (1858 - 1942) foi um antropólogo alemão radicado nos EUA, um dos precursores da antropologia moderna.

<sup>6</sup> Alfred Luis Kroeber (1876-1960) foi um antropólogo estadunidense. Estudou antropologia com Franz Boas, em 1897. Destacava-se entre seus colegas antropólogos de sua época, distinguia-se pela profundidade teórica e por obter um amplo campo de trabalhos relacionados aos indígenas, ao folclore, à arqueologia e à linguística.

são simbólicas, não genéticas como nos sistemas biológicos, percebemos que uma certa cultura tem "vida própria" que é simbólica em vez de genética, que opera a um nível mais elevado de complexidade que o orgânico, portanto, é superorgânico.

Entendemos então que a cultura, que é um processo acumulativo, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica suas realizações, pois a cultura é o que o homem agrega a sua própria natureza, em virtude da sua própria atividade criadora e, através das culturas que se desenvolveram, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que da hereditariedade, deste modo, suas ações e atitudes não estão geneticamente determinadas, ou seja, é um processo acumulativo, resultante das experiências históricas de seus antecedentes, enquanto o orgânico estaria essencialmente ligado aos processos hereditários, sem qualquer intervenção prévia do homem.

O conceito de cultura também foi pensado na Antropologia estruturalista de Lévi-Strauss<sup>7</sup>, que defende a ideia de que as normas culturais seriam significantes e que ajudam a revelar a estrutura profunda e inconsciente, gerada como um sistema simbólico, ou seja, a cultura pode ser entendida, de acordo com Strauss (1978, p. 335), como “um conjunto etnográfico, que, do ponto de vista da investigação, apresenta com relação a outros afastamentos significativos”. Strauss, de acordo com seu pensamento universalista, se preocupa basicamente em estudar quais as constantes ligadas a tais afastamentos, ou seja, para ele, o que forma a base para a diversidade cultural, seria a estruturação da cultura em princípios lógicos universais, de acordo com a observação de Costa<sup>8</sup> (2014, p.33), “às culturas em particular seriam, portanto, ilustrações das possibilidades lógicas da capacidade humana universal para produzir cultura em geral.”

Atualmente, segundo Costa (2014), mesmo com o aumento das reflexões em torno do seu conceito, a palavra “cultura” ainda é associada só a ideia de “raça”, o que tem tendenciosamente o vício de generalizar etnicamente as diferenças, reforçando o racismo sob novas roupagens. Reforçando, Bosi<sup>9</sup> (1992) afirma também que pela tendência dos estudos sociológicos convencionais, de filiação evolucionista e

---

<sup>7</sup> Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009) foi um professor, antropólogo e filósofo francês, embora tenha nascido na Bélgica. É considerado o criador da Antropologia Estruturalista

<sup>8</sup> Gustavo Villela Lima da Costa é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, professor no Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ).

<sup>9</sup> Alfredo Bosi (1936) é professor emérito da Universidade de São Paulo, crítico e historiador da literatura brasileira. É o sétimo ocupante da Cadeira nº 12 da Academia Brasileira de Letras desde 2003.

estruturalista de rotular de forma residual tudo o que estiver sob o limite da escrita, como as manifestações trivialmente chamadas folclóricas, estabelecido num firme ponto de vista geral de hábitos rústicos ou suburbanos, como é atribuído a sobrevivência das culturas indígenas, afro, cabocla como culturas que se desenvolveram mediante a dominação.

Ainda em Bosi (1992), vemos que esses equívocos podem ser gerados ao estarem apenas apoiados no limiar da escrita erudita que, mais direta, abstraída da prática e unilateral, é o ponto cego que muitas vezes a cultura erudita, centrada em si mesma, faz com que as manifestações ditas populares sejam taxativamente desclassificadas enquanto cultura, julgando vulgarmente o seu rico teor como pobre, grosseiro, elementar ou com formas monótonas, não originais e repetitivas, atribuídas a essas mesmas expressões.

## **1.2- CULTURAS HÍBRIDAS: ENTRE FRONTEIRAS**

Nos processos migratórios, cada indivíduo carrega consigo sua história de vida, vivências, costumes, tradições e tudo quanto contém em sua cultura, onde o mais importante é saber que durante os processos migratórios essas tradições são renovadas e transmutadas a partir do contato com outras culturas. Barth<sup>10</sup> (2010), compreende que essa região é um local de interação entre culturas, onde se entrelaçam nos fluxos de pessoas, permitindo com o tempo, a partir das interações sociais, a disseminação na vida da cidade e distribuídas de maneira notoriamente desigual entre os indivíduos.

E é nesse momento, durante esses encontros entre culturas, que os “atores sociais” vivenciam profundamente tais identidades, pois apesar das diferenças e estranhamentos, nem sempre os encontros entre culturas numa fronteira, resulta em conflitos, ao mesmo tempo também proporcionam aproximações e construções. Um exemplo disso é o Brasil, um país marcado por suas diferenças étnicas, culturais e sociais. Entretanto, como alerta Costa (2014), não se deve esquecer que a cultura

---

<sup>10</sup> Thomas Fredrik Barth (1928 - 2016) foi um antropólogo social norueguês e professor no Departamento de Antropologia da Universidade de Boston e anteriormente ocupou cátedras na Universidade de Oslo, na Universidade de Bergen (onde fundou o Departamento de Antropologia Social), na Universidade Emory e na Universidade de Harvard.

através de seus signos também, em contraparte, conduz os indivíduos que a moldam, porque é uma cultura que representa um determinado grupo.

A partir desses relacionamentos, cada cultura constrói seu lugar na sociedade. Durante essa jornada, diferentes culturas perdem muitos traços que dizem vir e adquirem, assimilam, transformam outros - de culturas estranhas - presentes nos locais por onde andam. No entanto, a maneira pela qual a coexistência de diferentes culturas é estabelecida não ocorre de maneira simples e pacífica, mas muitas vezes, como alertado por Bhabha<sup>11</sup> (2003), é marcada por relações de guerra e conflito entre nações. Esse entendimento também é consistente com o que Hall<sup>12</sup> (1997) sugere, afirmando a coexistência de diferentes ocorrer frequentemente de maneira conflitante, porque, nessas relações, implícitos valores e conceitos levam a diferentes formas de olhar e estar no mundo em que vivem.

Bhabha (2003) em seu livro "O local da Cultura", discute as relações entre culturas e as maneiras pelas quais considera significativamente os conceitos de diversidade e diferenças culturais e propõe uma distinção entre eles. Segundo Bhabha (2003), a diversidade cultural entende a existência de diferentes culturas, mas não leva suficientemente em conta a complexidade das diferenças e conflitos entre elas, mesmo dentro delas, criando um mito de pureza/culturas. O cultivo desse mito faz da cultura, muitas vezes, um processo estático, causando "a separação das culturas totalizantes que existem intactas na intertextualidade de seus lugares históricos". Portanto, ao falar sobre diversidade cultural, devemos lembrar que as culturas não são homogêneas e que, mesmo dentro de uma determinada cultura, existem conflitos e divergências, porque cada indivíduo vive de uma maneira diferente. "Nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro".

O contato entre diferentes culturas permite a troca de hábitos, crenças, mitos e rituais, garantindo que cada cultura não saia dessa relação da mesma maneira que estava antes desse contato. Por mais conflitantes que sejam essas relações, a troca é inevitável e, é justamente por causa da possibilidade de troca, que essas culturas

---

<sup>11</sup> Homi Bhabha (1949) nascido na Índia, é um professor Doutor de Ciências Humanas Anne F. Rothenberg da Universidade de Harvard. Desenvolveu sua noção de hibridismo nos seus trabalhos sobre o discurso colonial, considerado um dos mais influentes autores da corrente intelectual que, em meados dos anos 80, ficou conhecida como Pós-colonialismo.

<sup>12</sup> Stuart Hall (1932 - 2014) foi um teórico cultural e sociólogo jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido. Suas ideias abrangem questões sobre a hegemonia e cultura.

se transformam, ocorrendo, até mesmo, o surgimento de "novas". Bhabha (2003), denomina o local onde essas trocas acontecem de "lugar fronteiro". Para explicar o conceito de "lugar fronteiro", o autor usa como exemplo a fronteira, como espaço físico. Da mesma forma que a fronteira demarca o início de um espaço e o fim de outro, as características de ambos os espaços estão contidas nela. É no "lugar fronteiro" que ocorrem os encontros e/ou confrontos entre desconhecidos, ou melhor, entre culturas.

Fleuri e Souza<sup>13</sup> (2003) afirmam que se deve considerar com urgência a complexidade das relações interpessoais, observando atentamente a existência de "fronteiras culturais", presentes nesses espaços e as relações construídas sobre eles. Graças a essa visão, segundo os autores, é possível praticar o "reconhecimento do segundo lugar e de outra coisa", deixando assim uma interpretação binária da "existência humana", sendo assim, ao perdermos o medo de conhecer o outro, abriremos espaço para a curiosidade e a criatividade e, a partir dessa possibilidade da troca cultural, poderá resultar a hibridação. Como adverte Bhabha (2003), depende de nós queremos viver em estado de guerra ou em estado de hibridação. Nesse sentido, Canclini<sup>14</sup> (2003) alerta sobre estar atento, não só para as trocas entre culturas diferentes entre si, mas, também, para o direito que as culturas têm de escolher entre hibridar-se ou não.

Segundo Canclini (2003), devemos pensar no significado e nas consequências da hibridação no processo de integração entre diferentes culturas, como por exemplo, a possibilidade do nascimento de um terceiro, um outro, partir da hibridação que ocorre nas trocas de culturas entre fronteiras. Canclini (2003, p.29) entende por hibridação "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas". O autor estimula a pensar a respeito do direito que as culturas têm de hibridar-se ou não, buscando um entendimento não só da hibridez em si, mas, também, das discussões sobre os "processos de hibridação". Sobre esse aspecto, Canclini (2003, p. 39) afirma:

---

<sup>13</sup> FLEURI, R. M; SOUZA, M. I. P. de. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.). Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

<sup>14</sup> Néstor García Canclini (1939) é um antropólogo, professor doutor e pesquisador argentino. O foco de seu trabalho é a pós-modernidade e a cultura a partir do ponto de vista latino-americano é considerado um dos maiores pesquisadores sobre culturas tradicionais em decorrência da modernização, massificação e turismo.

Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer quais desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio as suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha ou está perdendo ao hibridar-se.

Partindo de um plano geral, no caso da América Latina, onde as trocas e as vivências de culturas tanto estrangeiras quanto diferentes, permitiam os processos de mescla que, em vários momentos do século XX, levaram o nome de aculturação, transculturação, ocidentalização, hibridismos e entre outros. Tais termos surgem no intenso trabalho de apontar os novos resultados das ordens simbólicas, que, desde o final do século XV, concorreram para a formação dos países latino-americanos. Esse momento do choque da conquista proporciona conflitos tanto entre os vencedores, quanto os vencidos, cujas diferenças culturais, permitiram tanto trocas quanto à dominação do outro.

A eficácia dos processos de hibridismo, como alerta-nos Silva (2006), reside, principalmente, na sua capacidade de representar o que as interações sociais no que possuem de convergente ou oblíquo, e de divergente ou incógnito, e de propiciar uma reflexão acerca dos vínculos entre cultura e poder, os quais não são verticais.

A esse propósito, é indispensável mencionar Gruzinski<sup>15</sup> (2001), sendo outro autor de renome quanto sua densa pesquisa sobre mestiçagem e hibridação de culturas no choque da conquista. Gruzinski (2001), emprega o termo “mestiçagem” para denominar as misturas que se desenvolveram em solo americano no século XVI, vindos dos continentes: americano, africano, europeu e asiático. Esse autor também utiliza o termo “hibridismo”, para investigar as misturas que acontecem no interior de uma sociedade ou de um mesmo contexto histórico.

Em suas diversas análises a respeito do choque da conquista, Gruzinski (2001), afirma que devemos ter em mente que com a chegada dos europeus na América, gerou-se o caos, assim compreenderíamos como se deu o processo da colonização e suas misturas provocadas pela ação da conquista, como foi o caso do Brasil. E que

---

<sup>15</sup> Serge Gruzinski é um historiador e paleógrafo francês. Professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. É um historiador respeitado por suas pesquisas sobre culturas e sociedades da América colonial. Ficou conhecido por seus estudos sobre mestiçagem cultural e o processo de mundialização ibérica do século XVI.

nesse momento, houve dificuldades nas trocas que se estabeleciam entre fragmentos de culturas oriundas da América, Europa e África.

Essa mestiçagem que formou a cultura brasileira foi formada, remete-se a comparação do ritual antropofágico realizado por alguns povos indígenas a uma antropofagia cultural, na qual o outro não é ignorado, mas engolido de forma criativa. Segundo o pensamento de Oswald de Andrade<sup>16</sup> (1970), a antropofagia, como prática de algumas nações americanas, ainda era um ritual religioso. Um ritual praticado por povos primitivos que já haviam atingido uma "alta cultura" e que não o praticavam por ganância ou gula, mas sim porque acreditavam que ao comer os corpos de seus semelhantes, estariam adquirindo assim toda a força e coragem de seus adversários.

Oswald Andrade (1970), sugere que quando um indivíduo se relaciona com o mundo e entre si, culturas diferentes são constantemente formadas e transformadas, e como resultado de devorar, mastigar, deglutir e cuspir o que não serve, seus hábitos, rituais, conhecimentos e crenças mudarão ou persistirão. Como ressalta Gruzinski (2001), a base da vida social é âmbito que contém a capacidade de simbolizar um ser humano, atribui-se a eles suas palavras, seus gestos e comportamentos, que permitem aos mesmos a transmissão de sentimentos, ideias, e regras estabelecidas, para entender a maneira de como se compartilham os seus sentidos e que formam a sua cultura, com propriedades do seu grupo, fazendo com que se acredite nas mesmas coisas, entenda os mesmos gestos gráficos e saiba se comportar diante de situações diversas, ocorrendo de forma conflituosa ou não.

Contudo, a antropofagia cultural brasileira, por meio de suas suposições, sugere uma maneira diferente de pensar e se relacionar no mundo. Embora historicamente a antropofagia tenha sido marcada pela fase modernista, e mais precisamente pela Semana de Arte Moderna de 1922, percebemos aqui que suas ideias vão muito além desse período.

---

<sup>16</sup> José Oswald de Sousa de Andrade (1890-1954) foi um poeta, escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, o qual é considerado uma das personalidades mais importantes do Modernismo.

## **2º CAPÍTULO: BRASIL: UM MOSAICO ÉTNICO-CULTURAL**

A Cultura Brasileira é formada pela interação intensa de diversos povos que carregavam consigo seu rico patrimônio cultural que contribuíram para a origem da população brasileira. Como analisou Bosi (1992), dessa interação o brasileiro herdou culturas em sua bagagem cultural a partir de costumes dos índios que habitavam o continente antes da chegada dos colonizadores; dos colonos portugueses que chegaram aqui durante o período das Grandes Navegações, de outros povos oriundos de outras partes do Velho Mundo e dos africanos trazidos à força para serem escravizados.

Sobretudo, as culturas indígenas e negras foram marcantes na formação da cultura brasileira com experiências e histórias carregadas de sofrimentos e preconceitos que permanecem até os dias de hoje.

Há o costume de mencionar a cultura brasileira no singular dando a entender que é uma unidade que agrupa todas as manifestações culturais do povo brasileiro, mas, como podemos verificar analisar através de vários estudiosos do assunto, parece que não existe em sociedade nenhuma e, menos ainda, em uma sociedade de classes, uma tal unidade ou uniformidade.

### **2.1- A Formação Inicial do Povo Brasileiro: Encontros ou Desencontros?**

No século XV, a Coroa Portuguesa empreendeu as Grandes Navegações com o objetivo de expandir o comércio e conseguir produtos para serem comercializados na Europa. Todavia, devemos lembrar de outros motivos, não menos relevantes, como a expansão territorial de Portugal e territórios além-mar, a expansão do Cristianismo, o caráter aventureiro das navegações e a tentativa de superar os medos reais e imaginários, do mar.

No ano de 1500 o navegador lusitano Pedro Álvares Cabral deslocou-se com uma grande frota de embarcações para fazer comércio com o Oriente, mas acabou chegando ao chamado 'Novo Mundo', o continente americano, e desembarcou no litoral do novo território. Logo, os tripulantes e os povos que ali viviam, denominados "selvagens" pelos primeiros, entraram em contato.

Entre historiadores e antropólogos há um embate a respeito desse primeiro contato entre portugueses e indígenas; alguns estudiosos veem esse momento do

início do processo de colonização portuguesa como “encontro de cultura” e outros veem como um “desencontro de culturas”, começando pelo extermínio dos povos indígenas, tanto por meio de conflitos quanto pelas doenças trazidas pelos europeus, até então desconhecidas pelos indígenas como, por exemplo a gripe e a sífilis. Nas primeiras décadas do século XVI, os portugueses realizaram poucos empreendimentos no novo território conquistado. As primeiras expedições chegaram e suas principais realizações foram confirmar a existência do pau-brasil, nomear algumas localidades no litoral e construir algumas feitorias.

Esse cenário desafia a pensar o Brasil e o povo brasileiro a partir das trocas culturais, pacíficas e conflituosas, que ocorreram entre os diferentes povos nativos desta terra: os índios e os colonizadores portugueses. A partir desse processo, surge o que Darcy Ribeiro (1995) denominou, em sua obra intitulada “O Povo Brasileiro”, de *Gente Brasilis*.

Para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena dos ganhos, em ouro e glórias. Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver. Este foi o encontro fatal que ali se dera. Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tal qual eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só diferentes, mas opostas, do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes, barbudos, hirsutos, fedentos, escalavrados de feridas de escorbuto, olhavam o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, esplêndidos de vigor e de beleza, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saíam do mar.” (RIBEIRO, 1995)

Em sua obra “O Povo Brasileiro”, o antropólogo Darcy Ribeiro (1995) traça as nossas origens com base na mistura étnica e cultural do índio, do negro e do colonizador português; o autor considera que esses povos são as “raças matrizes”, que dão origem ao “povo genuinamente brasileiro”. Povo este que, segundo o autor, é o verdadeiro produto da obra colonial de Portugal.

Mas, vale lembrar também dos vários povos que chegaram em terras brasileiras durante o período colonial, os quais também tiveram sua contribuição na formação da cultura brasileira.

Entre 1580 a 1640, durante a União Ibérica, período no qual Portugal ficou sob o domínio da Espanha, além dos portugueses, também vieram os espanhóis. De 1630 a 1654 ocorreu a ocupação holandesa no Nordeste, que ficou no país mesmo depois da retomada da área pelos portugueses. Na colônia vieram ainda os ingleses, franceses, italianos e alemães.

No entanto, foi devido à grande presença dos portugueses no território brasileiro que herdamos a herança cultural fundamental, na qual a história da imigração portuguesa no Brasil confunde-se com nossa própria história. Os portugueses colonizadores foram os principais responsáveis pela miscigenação com índios e africanos para a formação inicial da população brasileira.

Essa herança portuguesa constitui precisamente a unidade do Brasil porque, embora o povo brasileiro seja um mosaico étnico cultural, quase todos falam a mesma língua, ou seja, o português brasileiro - lembrando que antes da chegada dos colonizadores existiam milhares de tribos indígenas com diferentes línguas - e, segundo os resultados do último Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, ainda hoje, a maior parte da população brasileira permanece cristã. Esta igualdade linguística e identidade religiosa é um fato raro para um país de grande extensão como o Brasil.

## **2.2- Um Povo que nasceu na costa brasileira: do Sul ao Sudeste**

Durante um longo período, após os colonizadores aportarem em terras brasileiras, o litoral foi quase a única área de povoamento. Apesar de sua grande extensão, existem elementos culturais e sociais comuns em todo litoral brasileiro provenientes, em grande parte, de influências semelhantes na consolidação das bases socioculturais das populações litorâneas. Podemos dizer, portanto, que os primeiros brasileiros surgiram da miscigenação genética e cultural do colonizador português e alguns outros europeus que aqui se encontravam com o indígena do litoral formaram uma população de mamelucos que se multiplicou rapidamente.

Com o passar do tempo, essa população miscigenada foi se espalhando pelo território brasileiro, moldando-se nos aspectos socioculturais de acordo com o tipo de exploração econômica e as características ambientais e regionais. E desta amálgama de etnias, mais especificamente, do Litoral Sul ao Litoral Sudeste, que surgiu o povo caiçara. Para Diegues (2004), o povo caiçara começou a se formar a partir dos primeiros filhos que nasceram das interações étnico-culturais de povos que já viviam nessas terras litorâneas e aqueles que aqui chegaram.

Quando os portugueses chegaram, os índios nativos já possuíam sua cultura, mas esta não ficou intacta. Pelo contrário, foi permeada pelas culturas dos imigrantes europeus, dos mais variados, ao longo do processo de exploração, como os

portugueses, espanhóis, holandeses, franceses, ingleses, alemães e, posteriormente, africanos, dando origem ao que hoje é a cultura caiçara. Porém, as características culturais dominantes do caiçara é a indígena, principalmente no que se refere à sua forte relação com a natureza e com a cultura lusitana, principalmente no que se refere às velhas tradições oriundas da colonização.

Segundo Diegues (2004), estudos arqueológicos indicam que há mais de 2.500 anos as terras do litoral paulista já eram habitadas por seres humanos. Materiais orgânicos, ossos e abrigos sob rochas (para acampamentos e sepultamentos) comprovam a existência de povos pré-históricos - pescadores, caçadores e coletores - que viviam nas terras do litoral paulista; vestígios de ossos e cerâmicas apontam para a presença de populações indígenas; ruínas de engenho e construções de pedra indicam que colonizadores europeus e negros escravizados passaram por essas terras.

Sabemos, portanto, que essa diversidade étnico e cultural teve um papel fundamental na formação da identidade cultural do povo caiçara, que apresenta características muito particulares e marcantes explanaremos no próximo capítulo

### 3º CAPÍTULO: O QUE É SER CAIÇARA?

O termo *caiçara* tem origem no vocábulo Tupi-Guarani *caá*, que significa pau, e *içara*, armadilhas e foi usado, primeiramente, pelos índios para denominar as estacas que eram fixadas em volta das tabas ou aldeias, bem como, era a forma pela qual eles chamavam o curral feito de galhos cravados na água para capturar o peixe. Com o tempo, passou a identificar as palhoças construídas nas praias que serviam para abrigar canoas e apetrechos de pesca. Para Kilza Setti (1985), *caiçara* é aquele que nasceu e sempre viveu no litoral, ou melhor, perto do mar, e, certamente, se perguntado a um *caiçara*, essa também será a sua resposta. Para Diegues (2006), *caiçara* é a população que mora do Sul do Rio de Janeiro, passando por todo o litoral de São Paulo, até o norte de Santa Catarina.

De acordo com Adams (1994, p.337), historicamente, só é possível entender a formação das comunidades *caiçaras* a partir do processo de ocupação da costa brasileira e dos ciclos econômicos vividos na região sul e sudeste do país. Segundo Diegues (2006, p.14), “essa região está entre as primeiras colonizadas pelos ibéricos, tanto espanhóis quanto portugueses, que em inícios do século XVI disputaram a posse dessa terra de fronteira”, e quando ali chegaram, se depararam com os indígenas que já viviam no território.

No caso do litoral paulista, havia inúmeros agrupamentos étnicos que constituíam os povos indígenas que habitavam a região antes na época anterior à colonização. Dentre esses grupos étnicos, Dean (2004) destaca os tupinambás, que habitavam predominantemente a Costa e mais para o interior da Costa viviam os guaranis pois, segundo o autor, estes eram mais sedentários, tinham plantações e eram considerados mais passivos. Havia também os tupiniquins que viviam mais ao sul.

Esses povos tinham muitas semelhanças entre si na forma de organizar suas comunidades, nos valores culturais, divisão do trabalho, visão de mundo, religião, estratégias de guerra e o manejo com a natureza, entre outras. Entretanto, também havia divergências e rivalidades entre esses povos, que resultava em guerras infundáveis. Os dois grandes grupos rivais, tupiniquim e tupinambá, travaram guerras sangrentas. Todavia, a guerra exercia uma função crucial no interior dessas sociedades pois, como explica Florestan Fernandes (1970), era através da guerra que

se concedia o prestígio social aos guerreiros e a defesa dos territórios, bem como, para algumas sociedades, também era através dos combates que se adquiria o elemento principal para o ritual antropofágico, o guerreiro capturado.

Entre 1554 e 1567, os colonos portugueses, numa política de aliança e aproximação, se aliaram aos tupiniquins para uma longa e acirrada luta contra os Tamoios e, aproveitando da aproximação com os tupiniquins, ao invés de sacrificarem os prisioneiros de guerra conforme era o costume das tribos, quando não eram mortos de forma brutal, eram presos e vendidos como escravos. Do outro lado, os Tamoios se aliaram aos franceses, que tinham maior interesse no pau-brasil.

Com o tempo, as doenças dos colonos dizimaram os povos indígenas da costa brasileira, e os franceses foram expulsos do litoral sudeste. Os colonizadores portugueses, não encontraram de início metais preciosos e optaram pela colonização de base agrícola devido às suas experiências nas ilhas do Atlântico (Açores e Cabo Verde) e, assim, começou a mudar a paisagem das enseadas florestadas do litoral norte paulista, o que permitiu que as terras férteis, quentes e úmidas das baixadas e de fácil escoamento dos produtos para exportação fossem as mais povoadas. A partir de então começaram a chegar os negros escravizados para substituírem a fracassada exploração dos índios nas lavouras. Mais tarde, por conta das oscilações dos ciclos econômicos, uma boa parte do contingente foi deslocada da costa para o Vale do Paraíba ou reunidos em quilombos mata adentro na Serra do Mar.

Nesse momento formou-se povoados ao redor de pequenos núcleos, graças às condições particulares de sobrevivência nas áreas costeiras, que favoreciam sua ocupação e que enviavam aos núcleos maiores uma parte de sua produção. De acordo com Mussolini (1980) e Dean (2004), os pequenos núcleos, na maioria das vezes, por razão da dificuldade de comunicação entre si e com o seu exterior, ficavam estagnados e dividiam-se em pequenos grupos. Assim sendo, acabaram interagindo, se desenvolvendo e se adaptando às suas condições sociais e territoriais.

### **3.1- Modos de Vida Caiçara: Filosofia de Vida**

Durante um longo período as comunidades litorâneas paulistas viveram relativamente isoladas dos grandes centros urbanos e de outras comunidades economicamente mais prósperas.

Para Kilza Setti (1985, p.19), “nascido e criado no litoral, o caiçara aprendeu a conhecer seu espaço e a obter dele os elementos e proporções convenientes ao seu bem-estar. Segundo Mussolini (1980), o modo de vida fechado que se desenvolveu nessa faixa de terra entre o mar e a serra do litoral paulista, quase que isolado do mundo externo resultou em um aproveitamento mais intenso e quase exclusivo dos recursos do meio, criando, por assim dizer, um elo muito forte entre o caiçara e seu habitat, podendo desenvolver seus modos de vida e culturas locais específicas, muito originais e até endêmicas (cuja existência e características restringem-se a uma única área geográfica ou, ainda, a um único ecossistema), porém, sujeitas em diferentes graus aos processos socioeconômicos e mais recentemente, também aos processos socioambientais.

Ainda que a comunidade caiçara tenha sido formada a partir de povos culturalmente tão diferentes entre si, ao descrever o modo de vida da população caiçara, podemos, brevemente, defini-la como população que habita pequenas cidades e povoados ao longo do litoral, corroborando a importância da ligação entre o caiçara e seu habitat. E como ressaltado por Diegues (2006), a economia caiçara, por uma boa parte do tempo foi, basicamente, de subsistência, destinada ao consumo próprio e da comunidade, bem como a base de trocas e de empréstimos de produtos do mar e da roça, e o auxílio nos trabalhos sob a forma de mutirão, inclusive, fatores importantes de interação social da comunidade eram bastante frequentes.

O território da praia, era lugar das relações sociais da comunidade, pois, primeiramente a presença do mar é o que determinava a qualidade e a essência da vida do caiçara e era de onde se tirava o sustento das famílias. Na praia estavam as moradias, que não tinham cercas e as pessoas circulavam livremente e os caminhos, organizando a circulação das pessoas, era onde ficava a “venda”, a escola, a igreja, as moradias do poder local, um pasto comum para abrigar as tropas que chegavam, poucas casas de artesãos e comerciantes, entre outras. Em muitas comunidades eram construídos ranchos na praia, que eram utilizados por caiçaras para repousarem durante a temporada de pesca de algumas espécies, como a tainha.

A pesca sempre foi uma atividade de domínio, sobretudo masculino, por ser uma atividade de captura e caracterizada como difícil à mulher pela necessidade do uso da força; sem contar a crença na lenda de que “dá azar ter mulheres a bordo de embarcações”. Entretanto, as mulheres podiam participar das “temporadas de pesca” da tainha, segundo Diegues (1988), tal pesca desempenhou um papel importante em

todas as comunidades caiçaras que se constituía na forma de pesca coletiva, na qual a comunidade era chamada para participar da puxada de rede na praia, O peixe era e até hoje é, o alimento principal de muitos pescadores caiçaras. E para complementar sua pesca também são coletados caranguejos, ostras, moluscos, entre outros.

A estreita relação do caiçara com o mar se deve ao fato deste lugar prover parte de seu sustento e ser base para as relações do dia a dia para trocas entre os indivíduos. Como afirma Souza (2004), é na relação com o mar que o caiçara expande seu território e sua territorialidade. A partir dos usos que estabelece do solo e do próprio mar que ele se desafia, ampliando suas apropriações do espaço.

Contraopondo-se à praia, havia o território do sertão. O sertão era o espaço do trabalho agrícola e quase nunca da moradia ou do comércio; era onde se encontravam as roças, os bananais e a floresta; onde se plantava os principais produtos: mandioca, milho, feijão, arroz, batata, cana-de-açúcar etc.; onde se tirava lenha e ervas medicinais e onde se caçava e criava galinhas e porcos. Os produtos do sertão eram transportados para a praia para serem consumidos pelas famílias ou embarcados para vilarejos vizinhos.

No tocante à divisão e organização do trabalho, de acordo com Marcílio (1986), a mulher na sociedade caiçara tinha a função de criar os filhos, cuidar da casa, preparar o alimento e trabalhar na roça. Ao homem caiçara estavam destinadas as atividades de pesca e caça, derrubadas e queimadas, construção das casas e ranchos, condução das canoas, negociação dos excedentes agrícolas e pescados, trabalhos da roça, plantio e colheita, nestes casos podia ser ajudado pela mulher e filhos.

### **3.1.1- Transmissão do Saber: da Realidade ao Imaginário**

O universo das culturas tradicionais é composto de histórias/estórias e seres extraordinários que desempenham um papel importante na sociabilidade dos indivíduos, na inserção de valores do grupo o qual pertencem e na preservação do espaço natural onde estão imersos e a forma como as sociedades representam seu espaço, depende de como elas atuam sobre eles. Em suma, essa compreensão da realidade é consequência de uma percepção sensível do lugar em que vivem.

Os caiçaras dividem os acontecimentos entre os fatos que viveram e os que ouviram dizer. De acordo com Fortes (in Diegues, 2005):

De modo geral, o valor de uma história não se mede pela realidade que ela contém, e sim pelo combustível que ela pode fornecer à imaginação, e pelo bem que pode fazer à alma. E é por isso que essas histórias fantasiosas permanecem vivas na memória dos caiçaras mais velhos, sempre dispostos a recontá-las àqueles mais jovens que, porventura, ainda cultivam o espírito da curiosidade.

É na memória de muitos velhos que está o segredo de uma cultura e a transmissão oral, predominante na cultura caiçara, é contada para os mais jovens, geralmente, ao redor da fogueira, ao cair da noite. As histórias contam sobre a identidade e povoam o imaginário do caiçara. Os mitos, as lendas e os causos, ensinam sobre segredos de um viver melhor, com conhecimento e sabedoria. As experiências narradas em forma de mitos ou lendas revelam o espírito do homem que vive perto do mar.

Algumas dessas estórias têm cunho regional, como as que tratam de acontecimentos religiosos locais, como a Lenda do Bom Jesus da Cana Verde, em Iguape; a Lenda dos Corvos de São Vicente, a Lenda do Caixão de Luzes navegante, em Bertioga; a Lenda do Santo que pecou, em São Sebastião; a Lenda da Freira que virou pedra, em Caraguatatuba; lendas tipicamente litorâneas, que relacionam o homem que convive com o mar e rios, como é a Lenda da Mãe d'água; Lenda da lara; Lenda dos Diamantes da Cachoeira, em Ilhabela.

Outras lendas retratam as matas nativas e as florestas onde vivem diversos tipos de animais que fogem de seus predadores. Estas lendas nativas que se reproduzem e atravessam fronteiras de forma similar pelo Brasil afora, como é o caso das Lendas do Saci, da Caipora, do Curupira e entidades protetoras daqueles que se escondem na floresta, daqueles que devem ser protegidos para que se preserve a própria Natureza.

Crenças e valores transpõem o cotidiano caiçara em relação à manipulação da natureza. Para o caiçara, a natureza não é uma propriedade sua, mas, sim, um bem de todos. Entretanto, para eles, os espaços naturais têm donos simbólicos, seres naturais e encantados que delimitam a atuação do homem perante a natureza e o pune se algum abuso for cometido.

Alguns autores como Mussolini, Almeida e Carvalho observaram em anos de pesquisas que o tipo de vida fechada dos homens do litoral propiciou uma intimidade entre o homem e seu habitat, favorecendo o conhecimento de remédios e plantas medicinais; artefatos para a construção de canoas, jangadas, além de conhecimentos

de fenômenos naturais: os movimentos dos ventos, das águas, os hábitos dos peixes, seu periodismo, a época e a lua adequada para derrubadas e queimadas ou para plantar e colher.

Assim, as histórias e lendas vão, pouco a pouco, transmitindo ensinamentos morais e ecológicos, ajudando a definir características culturais, que vai muito além da origem de cada uma delas, compreendendo os ensinamentos inseridos na cultura quando elas sofrem alterações e adaptações às várias realidades.

### **3.1.2- Dialeto Caiçara**

Além do estilo de vida, o povo caiçara também possui um vocabulário bem peculiar. A singularidade do falar caiçara está no gestual, na postura, nas nuances do olhar, nas variações de entonação da voz e não apenas na originalidade dos termos. O caiçara fala e representa ao mesmo tempo. Segundo Diegues (in Fortes, 2005), é um falar calmo, cantado e melódico em sintonia com a natureza. No falar caiçara são usados diminutivos e é cheio de ironia que os caiçaras criaram junto a língua portuguesa, formando assim o “caiçares”.

Várias palavras caiçaras têm denominações tupis, a começar pelo próprio termo “caiçara”. Palavras de origem africana também foram incorporadas ao dialeto caiçara, devido à presença de negros escravizados que trabalharam nas monoculturas de arroz, cana de açúcar e outros serviços. Alguns termos de origem espanhola também influenciaram e passaram a fazer parte do falar caiçara.

Há muitas semelhanças entre o linguajar dos caiçaras de todo o litoral paulista, mas, infelizmente, pouco conhecido e difundido, levando os leigos a confundir o dialeto do caiçara com o do caipira.

Dialeto ou não, essa forma de falar é uma marca típica dos caiçaras da região, usada pelos moradores mais velhos, sobretudo nas comunidades litorâneas. Desde a época em que foram coletadas, muitas dessas palavras deixaram de ser usadas e outras foram incorporadas ao linguajar regional, processo que ocorre com todas as línguas e dialetos vivos. Como já havia notado Amadeu Amaral, o rádio e posteriormente a televisão foram meios de comunicação que alteraram e continuam mudando, significativamente, os falares regionais caiçaras. (FORTES in DIEGUES, 2005).

### **3.2- Sobrevivência, Resistências e Adaptações no tempo-espaço**

De acordo com Almeida (1946, p.37), até o final do século XVIII, as cidades litorâneas paulistas viveram “dias de abundância e prosperidade”, com um intenso movimento comercial para a época e o desenvolvimento de pequenas indústrias.

Entretanto, conforme aponta Adams (2000), a partir do século XVIII, por ordem do governador da província de São Paulo da época, decretou que todas as embarcações do litoral paulista seriam obrigadas a aportar no porto de Santos. Essa estratégia foi utilizada para fornecer alimentos à capital e movimentar esse porto. Entretanto, os preços pagos pelas mercadorias eram menores e os tributos maiores o que levou à diminuição do comércio local e do comércio de cabotagem no litoral paulista, muitos proprietários abandonaram suas terras, alguns restringiram suas lavouras e mudaram para o planalto e os que permaneceram cultivavam apenas o que era necessário para sobreviver.

A situação só melhorou a partir de 1808 com a chegada da Família Real Portuguesa no Brasil, fugindo das tropas napoleônicas, decretando a “Abertura dos Portos às Nações Amigas”, o que também beneficiou o litoral paulista. Com a chegada da Família Real Portuguesa, no Rio de Janeiro houve uma série de mudanças que impactaram a economia local, mas como havia a necessidade de restabelecer as deficiências comerciais portuguesas com o mercado mundial, surgiram mais oportunidades para os produtores brasileiros, principalmente, os de café.

A abertura dos portos teve um impacto gigantesco nesse processo, pois até então o café não era considerado um produto chave para a economia, mas logo ele assim tornaria com os portos em evidência no cenário econômico nacional. O comércio no litoral norte paulista ganhou impulso, inicialmente, com o cultivo de café enviado para o Rio de Janeiro e, posteriormente, o café se expandiu para todo o Vale do Paraíba, tornando Ubatuba o grande porto exportador.

Em 1864, D. Pedro II inaugurou a estrada de ferro que liga São Paulo ao Rio de Janeiro, passando pelo Vale do Paraíba. Assim o litoral foi excluído da rota e o café não passou mais pelos portos do litoral e, novamente se iniciou um novo ciclo de decadência econômica para a cultura caiçara do litoral norte paulista, deixando as regiões litorâneas e suas comunidades caiçaras literalmente abandonadas pelo poder público e desconectadas dos grandes centros de desenvolvimento do país.

No início do século XX a ocupação da costa Sul e Sudeste do país foi se modificando. França (1954, 15-16p.), descreve o litoral de São Paulo, como estagnado, “sem fontes econômicas próprias, financeiramente deficitário e demograficamente desfalcado”, com exceção do porto de Santos e de algumas poucas áreas onde se desenvolveu uma economia agrícola e o início de uma economia de veraneio. De acordo com Mussolini (1980, p. 223), a priori o litoral passava a impressão de que “a vida ali foi simplificada em seus elementos culturais e, em comparação com o passado, reduzida a ponto pequeno. Talvez seja este o aspecto que mais cause a impressão de decadência”.

Na segunda metade do século XX o modo de vida caiçara passou mais uma vez por transformações significativas. Segundo Diegues (1988, 2004) os motivos que provocaram intensas transformações no dia a dia do povo caiçara foram as alterações nos ciclos agrícolas; a abertura de estradas; a aproximação comercial com as grandes cidades; a especulação imobiliária e o turismo desenfreado.

O acelerado crescimento urbano devido aos processos migratórios no decorrer das décadas de 60, 70 e 80, bem como o crescimento populacional nos processos migratórios entre as décadas de 60 a 80, além do estímulo ao turismo são considerados fatores determinantes para o processo de mudanças na cultura caiçara a partir do que seu espaço de difusão foi se tornando um espaço de conflito e em campo para transformações na cultura como um todo.

Na década de 60, durante o governo militar, com preceitos como “*este é um país que vai pra frente*”, ou mesmo o *chamado milagre econômico*, que proclamava o desenvolvimento a qualquer custo, o litoral foi incluído na pauta do projeto econômico e começa a ser visto como uma possibilidade de desenvolvimento para a ampliação do capital.

A partir de todo esse processo, o que alguns caiçaras chamam de “progresso” é resultado da construção da BR 101, a Rio-Santos. Paiva (1995), aponta dois projetos turísticos para o litoral sudeste: o Projeto Turis-litoral (Rio/Santos) e o Projeto de unidades turísticas no litoral norte de São Paulo feito pela FAU (USP), realizado pela Embratur, em 1973. Em 1974, o primeiro trecho da BR 101 é inaugurado entre Rio de Janeiro e Ubatuba. Assim, o litoral entra na lei 6.513 de 1977 como uma das áreas especiais de interesse turístico.

A partir da construção da Rio-Santos se inicia o genocídio caiçara, como denomina Siqueira (1984) e Dallari em prefácio do mesmo livro:

Políticos sem escrúpulos, especuladores imobiliários, empresas multinacionais e pessoas ricas à procura de “paraísos” para recreação descobriram o Litoral Norte paulista e Sul fluminense. Foi o começo do genocídio (morte física), acompanhado de etnocídio (morte cultural dos caiçaras e de agrupamentos de índios guaranis existentes na região. (PREFÁCIO, 1984)

Como aponta Siqueira (1984), outros fatores também contribuíram para esse processo, além da construção da Rio-Santos: a chegada da Petrobrás em São Sebastião que acarretou o deslocamento de pessoas de outras localidades do país à procura de novas oportunidades de trabalho; a saturação no turismo da Baixada Santista e a chegada da transmissão da Rede Globo de televisão, em 1965. Desse modo, surgiram vários problemas sociais, ocasionando o desestruturação das antigas relações sociais dos caiçaras.

Com o crescimento do turismo nas cidades litorâneas, surgiram novas relações com culturas externas que, quando introduzidas ao meio, afetaram profundamente o caiçara, provocando seu deslocamento físico e social. Na medida em que as terras do litoral foram sendo valorizadas, viraram alvo da especulação imobiliária e dos grileiros. De acordo com Siqueira (1984, p.16), muitos caiçaras foram ludibriados por promessas financeiras ou ameaçados e obrigados a venderem seus terrenos por valores abaixo do mercado, por serem acostumados “à troca direta, fora do mercado, sem saber o valor real do dinheiro.”; alguns deixaram suas casas à beira mar por se sentirem coagidos por grandes empresários de turismo e imobiliários; outros foram expulsos de suas terras ou proibidos de fazer pequenas roças e pescar em determinados lugares, perderam o acesso às praias, muitas das quais foram privatizadas e cercadas, desaparecendo, com isso, o sistema de mutirão, base da solidariedade social e das atividades culturais. Todo esse processo propiciou a superlotação; custo de vida alto; poluição sonora e degradação do ecossistema local e, conseqüentemente, do próprio homem litorâneo.

Essas mudanças resultaram no afastamento de muitos caiçaras de seus territórios para ocuparem regiões periféricas, afastadas da praia e do centro, perdendo seu lugar para veranistas e empresas. Somente algumas comunidades caiçaras, sendo estas, geograficamente mais isoladas, puderam resistir, por algum tempo, ao seu estilo de vida tradicional. Atualmente, ainda se encontram caiçaras que, de alguma maneira, preservam parte de seus costumes tradicionais.

### 3.3- Os Desafios Atuais dos Caiçaras

Nas últimas décadas do século XX até os dias atuais, os caiçaras do litoral paulista têm inserido em seu modo de vida novas atividades econômicas para complementar a renda da casa o que, antes, era obtido através de atividades de subsistência, sobretudo pela pesca e pela agricultura de subsistência. Dentre essas atividades: serviços de caseiro para tomar conta de casa de veranistas; aluguel de casas a turistas e, serviços de passeio e pesca em seus barcos à excursionistas; trabalho de diaristas e manutenções de casas; trabalho em comércios locais e na construção civil particular e de empresas terceirizadas para o governo municipal e estadual.

As atividades capitalistas exercidas pela sociedade moderna trouxeram grande impacto na vida das comunidades caiçaras do litoral paulista, o que trouxe muitas dificuldades ao serem forçadas a se adaptarem à nova organização sociopolítico econômica.

De acordo com a análise de Bosi (1987, p.17-24) a respeito do processo de desenraizamento das culturas tradicionais devido a expansão do capitalismo:

A conquista colonial causa o desenraizamento e morte com a supressão brutal das tradições. A conquista militar também. Mas a dominação econômica de uma região sobre a outra no interior de um país causa a mesma doença. Age como conquista colonial e militar ao mesmo tempo, destruindo raízes, tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra...os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos, que o capitalismo encontra, são consumidos até o osso e transformados em mercadoria para turismo [...] São rebaixados a objetos de curiosidade do espectador urbano. (BOSI, 1987)

Contudo, como resultado da desorganização do modo de vida tradicional, a rica cultura caiçara que apresenta *traços visíveis do momento da criação do povo brasileiro*, começou a se desintegrar e a ser substituída por valores urbanos. Como afirma Diegues (1988, p.22), “o resultado de todo esse complexo processo de mudança levou não somente ao empobrecimento da economia caiçara como também de importantes ecossistemas naturais.” Para isso também contribuíram fortemente a economia capitalista, a televisão, a cultura de massa, o abandono de algumas crenças, a migração para as grandes cidades, entre outros.

Hoje, a sobrevivência nos mesmos espaços de tempos remotos requer flexibilidade do que ficou da cultura caíçara para que não seja arrastada pelo jogo do capital. E tudo o que advém disso: escassez do pescado, poluição e superexploração dos recursos naturais e muitas outras consequências proveniente do chamado “progresso”.

Antônio Cândido (2010, p.186), em seu livro “Os Parceiros do Rio Bonito”, no qual analisa a mudança como crise social e cultural e o processo provocado que pode ocasionar a manutenção, ou a ruptura e reinvenção das suas características culturais:

Em toda conjuntura de crise podem-se observar duas categorias principais de fatos: os de persistência e os de alteração. Os primeiros constituem aquela parte do equipamento cultural e das formas sociais que, oriundas do período anterior, perduram no presente, estabelecendo continuidade entre sucessivas etapas do processo total de transformação. Os segundos são formações novas, geradas no seio do grupo, ou nele incorporadas por difusão, para reajuste do seu funcionamento. (CÂNDIDO, 2010, p.186)

Entretanto, essas mudanças fazem parte do fato de que as comunidades tradicionais não são isoladas e que podem absorver certos elementos culturais da modernidade, sem que o seu modo de vida deixe de ser totalmente tradicional. De acordo com Diegues (2015, p.146), “a cultura se adapta, se transforma, mas mantém um núcleo fundamental de seu modo de vida, no caso da cultura caíçara, a sua relação com a natureza, além da afirmação de sua identidade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa foi constatado que a relação do homem com o mundo é sempre mediada pelas ferramentas e pelas oportunidades econômicas que têm disponíveis. O homem constrói, apreende e interpreta a realidade a partir dos instrumentos que lhe são oferecidos pela cultura, seja construindo, adaptando-se e/ou inserindo-se na própria História.

Além das belíssimas paisagens, no litoral paulista também encontramos uma rica cultura com diversas manifestações culturais, que são muito específicas das cidades costeiras do litoral paulista. Verificou-se que essas comunidades caiçaras fazem parte do repertório étnico-cultural brasileiro, são portadoras de culturas híbridas e têm na sua história a luta pelo seu espaço e o conhecimento da cultura popular baseados nas relações com a natureza. Possuem tradições transmitidas, do mais velho para o mais jovem, através da oralidade, que são ressignificadas ao longo do tempo, agindo com resiliência e resistência ao modelo capitalista, no qual os valores se fundamentam no ter, na ganância, no consumismo e na exploração.

Conclui-se que nos últimos anos, principalmente com a abertura da rodovia Rio Santos e a implantação de políticas de turismo para o litoral norte paulista, revelara-se um progresso para alguns e marginalização e exclusão do caiçara (DIEGUES, 2004 e 2005; ADAMS, 2000), identificando-o como um empecilho para o desenvolvimento da região costeira, visto para alguns como preguiçoso, “malandro” e indolente, colocando-o diante de um processo de mudanças que tentam “apagar” suas relações e sua cultura. Deste modo, desprovido de seus antigos valores, por adoção dos novos ou por embates ou trocas ou que, em última instância, se apresentam como os únicos possíveis, o caiçara foi reorganizando seu modo de vida e de resistência fundindo o antigo e o novo, o conhecido e o estranho, verdadeiro espaço de interações culturais e, apesar da fragmentação da cultura do caiçara, ainda há aqueles que tentam passar a seus netos e filhos os conhecimentos dos mais antigos mesmo que para moldá-los aos novos tempos.

Sendo assim, acredita-se que, as Universidades, os pesquisadores e, de modo especial, historiadores têm um papel importante no apoio aos direitos sociais e territoriais dos povos e comunidades tradicionais, no caso do tema deste trabalho, caiçara, promovendo trabalhos de extensão universitária junto às comunidades tradicionais, sobretudo locais, o que parece fundamental não somente para a

formação acadêmica como também para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com as minorias e de modo especial, com as culturas tradicionais, no caso dessa pesquisa, a cultura caiçara, para que a riqueza de sua visão de mundo, de sua vida comunitária com seus valores e tradições sejam conhecidas e reconhecidas em sua importância para preservar a história do povo caiçara.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. **As florestas virgens manejadas**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia, 1994;
- ADAMS, C. **As populações caiçaras e o mito do bom selvagem**. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, 2000;
- ALMEIDA, A. P. **Da decadência do litoral paulista**. Revista do Arquivo Municipal, 1946. p.35-57;
- ANDRADE, Oswald. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias**. Obras Completas. v.6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970;
- BARTH, F. **O Guru e o Iniciador e outras variações antropológicas**. Contracapa, Rio de Janeiro, 2010;
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte. Trad. Mirian Ávila; Eliana Lourenço de Lima; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003;
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. In: Celso Castro (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004;
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345;
- BOSI, Ecléa. **Cultura e desenraizamento**. In BOSI, Alfredo (org.). Cultura brasileira - temas e situações. São Paulo: Ática, 1987. p.16-41;
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. 4. ed. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2003;
- CÂNDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p.186;
- CENSO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012;
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986;
- COSTA, G.V.L. da. **O conceito de cultura: entre ilhas E fronteiras**. Fronteiras & Debates. Macapá, v. 1, n. 2, 2014. p.29 – 45;
- DEAN, W. 1996. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004;

DIEGUES, Antonio Carlos Santana (org.). **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1988;

DIEGUES, Antonio Carlos Santana (org.). **A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização**. Enciclopédia Caiçara: o olhar do pesquisador. São Paulo: Hucitec, 2004;

DIEGUES, Antonio Carlos Santana; FORTES, P. (org.). **Enciclopédia Caiçara: história e memória caiçara**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2005;

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. Cultura e meio-ambiente na região Estuarina de Iguape-Cananéia-Paranaguá. In: PIMENTEL, Alexandre; GRAMANI, Daniella; CORRÊA, Joana (coord.). **Museu Vivo do Fandango**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2006;

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **Territórios e comunidades tradicionais**. In: I SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL. Matinhos PR, 2015;

ELIAS, N. **O processo Civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994;

FERNANDES, Florestan. **A função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá**. São Paulo: Edusp, 1970;

FLEURI, R. M. (org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003;

FLEURI, R. M.; SOUZA, M. I. P. de. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003;

FRANÇA, A. **A Ilha de São Sebastião**. Estudo de Geografia Humana, São Paulo: FFCL - USP, Boletim 178, Geografia, n. 10, 1954;

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001;

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997;

KROEBER, A. **O superorgânico**, in PIERSON, DONALD. Donald Pierson (org.), Estudos de organização social. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949;

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978;

MARCÍLIO, M. L. **Caiçara: terra e população**. Estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba, São Paulo: Edições Paulinas/CEDHAL, 1986;

MUSSOLINI, Gioconda. **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara**. ed. Paz Terra, 1980;

PAIVA, M. G. M. V. **Sociologia do turismo**. Coleção Turismo, 2ª ed. Campinas: Papirus Editora, 1995;

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

SETTI, Kilza. **Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical**. São Paulo: Ática, 1985;

SILVA, M. B. **Consumo alimentar na comunidade caiçara da praia do Bonete**. Ilhabela, São Paulo. Tese de (Mestrado em Ecologia) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006;

SIQUEIRA, P. **Genocídio dos caiçaras**. São Paulo: Massao Ohno, 1984;

SOUZA, M. R. **Etnoconhecimento caiçara e uso de recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Ribeira**. 2004;

TYLOR, E. [1871]. **Primitive Culture**. Londres: John Mursay & Co, 1958;

TYLOR, E. A Ciência da Cultura. In: CASTRO, C. **Evolucionismo Cultural**. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Zahar. Rio de Janeiro, 2005;

VILLELA, GUSTAVO. **O conceito de cultura: entre ilhas e fronteiras**. Macapá: Fronteiras & Debates, v. 1, n. 2, 29-45p. 2014.